

**GRUPOS REFLEXIVOS COM MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: UMA
PRÁTICA EXTENSIONISTA****REFLECTIVE GROUPS WITH WOMEN IN A
SITUATION OF VULNERABILITY: AN
EXTENSIONIST PRACTICE**

Camila Santana Morais^{1,*} / Jéssica Nayara da Silva Prado¹ /
Viviane de Jesus Pereira¹ / Rebeca de Jesus Silva¹ /
Elionara Teixeira Boa Sorte Fernandes¹

INTRODUÇÃO

As mulheres correspondem a maioria de toda a população brasileira, e são as principais usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS), consideradas como as grandes responsáveis pelos cuidados da família e do lar. Desse modo, muitas vezes as deixam em segundo plano, não tendo o seu autocuidado como uma prioridade; e pelo simples fato de serem mulheres estão subestimadas às desigualdades sociais, o que as tornam ainda mais vulneráveis a inúmeras patologias (IBGE, 2010; RODRIGUES, 2015).

A determinação da situação de saúde está ligada a diversos aspectos da vida, dentre eles a alimentação, condições de trabalho, relação com o ambiente, renda e lazer, no que tange a mulher, algumas dessas questões podem ser agravadas pela discriminação e sobrecarga do trabalho, variáveis como raça/cor e situação de pobreza. Dessa forma, a vulnerabilidade feminina diante de algumas comorbidades está mais ligada com a discriminação que sofrem na sociedade do que aos fatores biológicos, o que justificaria o fato delas viverem mais que os homens, porém adoecerem com maior frequência (BRASIL, 2011).

Diante da organização social das relações de gênero, mulheres e homens estão expostos a diferentes padrões de sofrimento, adoecimento e morte.

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência que descreve o percurso vivenciado por monitoras em uma prática extensionista através de um projeto de extensão vinculado ao Grupo de pesquisa sobre Mulher, Gênero e Saúde da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). As ações do GR foram planejadas em cinco momentos, com um intervalo quinzenal entre os mesmos. Os encontros contaram com temáticas que provocaram reflexões acerca da saúde da mulher e disparidade de gênero, bem como sobre as implicações destas nas suas relações sociais. A formação do GR com mulheres em situação de vulnerabilidade como um espaço educativo proporcionou discussões e reflexões que buscaram incentivar as mulheres a autonomia, autocuidado e compressão dos impactos da desigualdade de gênero nas suas condições de saúde. Além disso, esses espaços podem contribuir para a integralidade da assistência à saúde da mulher, com troca de informações sobre o seu corpo, ações de autocuidado e incentivo a autonomia.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Mudança Social. Saúde da Mulher.

ABSTRACT

This is an experience report that describes the journey experienced by monitors in an extension practice through an extension project linked to the Research Group on Women, Gender and Health at the State University of Bahia (UNEB). The RG actions were initiated in five moments, with a fortnightly interval between them. The meetings had themes that provoked reflections on women's health and gender disparity, as well as on the psychologies in their social relationships. The formation of the RG with women in vulnerable situations as an educational space dealt with discussions and reflections that sought to encourage women to autonomy, self-care and suffering from the affects of gender inequality in their health conditions. In addition, these spaces can contribute to the integrality of women's health care, with the exchange of information about their bodies, self-care actions and encouragement of autonomy.

Keywords: Health Education. Social Change. Women's Health.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil
^{*}E-mail para correspondência: camilasantana1801@gmail.com

Desse modo, é fundamental a vinculação da perspectiva de gênero na análise do perfil epidemiológico e no planejamento de ações de saúde, que visam promover melhor qualidade de vida, bem-estar, igualdade e direitos de cidadania da mulher, de forma integral no cuidado (BRASIL, 2011).

A partir desse pressuposto, vale destacar a necessidade de estudos e estratégias que busquem entender esses fenômenos e promover meios que possibilitem a educação de gênero, para isso, a utilização dos Grupos Reflexivos (GR) tem sido considerada como uma grande ferramenta, pois acredita-se que atividades que possam promover a autonomia e gerar mudanças nas pessoas devam estar baseadas em estratégias didáticas-metodológicas traçadas no diálogo crítico e reflexivo (ESTRELA, 2020; GARZON; SILVA; MARQUES, 2018).

OBJETIVO

Relatar a experiência de monitoras de um projeto de extensão em uma prática extensionista na formação de um Grupo Reflexivo com mulheres em situação de vulnerabilidade.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que descreve o percurso vivenciado por monitoras em uma prática extensionista através de um projeto de extensão vinculado ao Grupo de pesquisa sobre Mulher, Gênero e Saúde da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A intervenção foi realizada em parceria com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na sede de um município baiano, situado, aproximadamente, a 796 km de Salvador. As participantes do GR foram mulheres em faixas etárias distintas, usuárias da UBS parceira do município.

A atividade foi planejada e estruturada em meio a interrupção das atividades presenciais devido a pandemia pela COVID-19, e desenvolvida presencialmente com o retorno das atividades presencial. As ações do GR foram planejadas em cinco momentos, com um intervalo quinzenal entre os mesmos, às quartas-feiras, entre o período das 14hs às 15hs. Os encontros contaram com temáticas que provocaram reflexões acerca da saúde da mulher e disparidade de gênero, bem como sobre as implicações destas nas suas relações sociais. Tiveram uma média de participação de 9 mulheres por encontros e foram realizados entre os meses de abril de 2022 a junho de 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro do grupo foi realizado no final do mês de abril de 2022, o seu objetivo foi apresentar a proposta do projeto, promover espaço de acolhimento e registrar componentes do grupo reflexivo. Para isso, foi utilizado dinâmica de apresentação, as participantes jogavam a bola uma para a outra e assim que a bola estivesse nas mãos, tiveram um minuto para se apresentarem, falando seu nome, ocupação e uma qualidade com a primeira letra de seu nome. Esse momento permitiu socialização e distração.

Assim que as participantes e integrantes do grupo reflexivo se conheceram, foram feitas algumas perguntas, dentre elas o que imaginavam ser um grupo reflexivo, e muitas delas diziam que corresponderia a um “grupo de conversas

sobre saúde”. Por fim, foi apresentada a proposta do grupo reflexivo em promover espaço de participação, reflexão e troca de conhecimentos. Logo após, foram pactuadas as “regras de convivências”, como: manter celular desligado ou no silencioso; evitar atrasos para cumprimento total da realização das atividades; procurar participar dos encontros; respeitar os relatos pessoais.

Por vez, o segundo encontro buscou discutir/refletir sobre a construção e reprodução da desigualdade de gênero, e o quanto que vulnerabiliza a violência. Para isso, foi reproduzida a música “COTIDIANO – CHICO BUARQUE” – A letra da música reflete a rotina de um casal, na qual a mulher está associada ao espaço doméstico. Ainda foi exibido um vídeo sobre a desigualdade de gênero, a partir de então partiu-se com as seguintes indagações: o que vocês pensam sobre o assunto? Como a desigualdade pode ser combatida? E também foi debatido o quanto que esses papéis atribuídos à mulher levam à violência.

O espaço propôs ricos debates, muitas mulheres conseguiram interpretar a proposta levada pelo grupo em refletir sobre o quanto que a desigualdade de gênero perpetua ainda nos dias atuais, sendo um reflexo de uma cultura patriarcal. Ademais, algumas participantes assimilaram com condutas que vivenciaram na infância, com a imposição da sociedade, também, por parte da família, em entrelaçar a mulher ao papel materno e conjugal, ainda houve outros relatos relacionados à submissão de algumas amigas aos maridos, em oportunidade, foi feito uma reflexão de como que a desigualdade contribui para o ato da violência contra a mulher.

No terceiro encontro discutiu-se a percepção da conduta violenta, assim, o objetivo foi despertar o reconhecimento feminino das condutas desrespeitosas e violentas de caráter criminal, desenvolvidas pelo companheiro, visto que muitas mulheres não consideram determinados atos como uma conduta violenta.

Para tal, utilizou-se uma dinâmica em que foi entregue a elas um papel em branco para que escrevessem ou desenhassem algo sobre o que acreditavam ser violência. Logo após, suas respostas foram socializadas, dentre elas estavam as palavras: “xingar”, “bater”, “gritar”, “maltratar”. Oportunamente, houve relato de uma participante vítima de violência doméstica, que compartilhou com o grupo os seus anseios, e o quanto que aquilo repercutiu na sua vida e na dos seus filhos, a sua fala reafirmou o que é trago pela Lei Maria da Penha (BRASIL, 2016) sobre a existência do ciclo da violência, composto pelo aumento da tensão, ato de violência e fase da “lua de mel”, e esse ciclo tende a se repercutir por diversas vezes.

Após o momento de escuta das mulheres, foi criado um cartaz com os 5 tipos de violência (física, moral, psicológica, sexual e patrimonial); foram disponibilizados a elas alguns exemplos de violência representados por imagens e pedíamos que dissessem a qual tipo de violência correspondia. Ao final do encontro foi conduzida uma breve discussão sobre os direitos das mulheres e a criação da Lei Maria da Penha.

O quarto encontro do GR teve a finalidade de abordar a importância da manutenção da saúde da mulher, e consequentemente incentivar o autocuidado. Foi utilizada a dinâmica “reflexo no espelho”, na qual foi disponibilizado uma caixa com um espelho, repassado por todas as participantes, orientando-as a, individualmente, observar o conteúdo da caixa, e a refletir sobre “o que você vê nessa caixa?”, e assim despertar nas participantes o pensamento sobre o seu “eu” e suas percepções. Assim, logo que as mulheres se depararam com suas próprias imagens relacionaram a mulheres fortes e batalhadoras.

A dinâmica “caixa de pandora” também foi utilizada com o objetivo de discutir o autocuidado, nela estavam presentes diversos utensílios que estavam ligados ao autocuidado, dentre eles: frutas, exames, esmaltes, cremes, entre ou-

tros. A caixa passou por elas, e conforme retiravam um objeto deveriam relacionar a alguma forma de autocuidado, muitas mulheres relatavam que utilizavam daqueles objetos no dia a dia, e assim comentavam sobre suas práticas de autocuidado, referiram ainda que a participação no GR seria uma forma.

O último encontro teve como objetivo sensibilizar as mulheres para a construção de novos modelos femininos, realçando a importância do empoderamento feminino para a formação da nova mulher e avaliar a percepção das mulheres quanto o GR. Inicialmente foram feitos alguns questionamentos: “Como as mulheres são ensinadas a se comportar? O que precisam fazer para ‘provar’ que são mulheres? Hoje vocês ainda pensam assim? O que vocês acreditam que precisam acrescentar para se tornarem uma nova mulher?”.

As repostas das mulheres demonstraram o quanto que as discussões do decorrer dos encontros foram agregadas aos seus pensamentos, pois se demonstravam donas de si, capazes de resolver seus desafios, identificar atos violentos. Logo após essa discussão foi exibido um vídeo que ressaltou o empoderamento feminino.

Por fim, foi realizado a dinâmica “Que bom, que pena, que tal”, em que foi levado um cartaz em branco, e as participantes puderam atribuir para “Que bom” o que mais gostaram, aspectos positivos, em “Que pena” o que não foi favorável, levantarem os pontos negativos e em “Que tal” sugerirem propostas para agregarem às atividades do projeto. As suas atribuições foram: “Que bom” aos temas ou assuntos abordados, as conversas que foram “tipo terapia” e o entretenimento, em “Que pena” trouxeram o tempo curto com o GR, pouca participação das mulheres, já em “Que tal” sugeriram a continuação do GR, falar mais sobre a saúde da mulher em si, mais encontros e oficinas.

Por fim, vale destacar a importância do levantamento científico, apresentação da proposta didático-metodológica e a realização dos encontros com temas estratégicos, pois acredita-se que a multiplicação desses espaços favorece tanto na promoção da saúde, como também na construção de uma sociedade mais livre e igualitária (ESTRELA et al, 2020).

Os espaços promovidos pelas atividades de educação em saúde são de construção e difusão de conhecimentos, que possibilitam mudanças de comportamento, com a correlação dos conhecimentos populares e técnicos, para tal é preciso o reconhecimento da multidimensionalidade da saúde, a necessidade de autonomia da usuária e compreensão da disparidade de gênero (CONCEIÇÃO, 2020).

CONCLUSÃO

A formação do GR com mulheres em situação de vulnerabilidade como um espaço educativo proporcionou discussões e reflexões que buscaram incentivar as mulheres a autonomia, autocuidado e compreensão dos impactos da desigualdade de gênero nas suas condições de saúde.

O desenvolvimento do GR apresentou algumas limitações, dentre elas, a participação sequencial de algumas mulheres, o curto período para explorar mais as possibilidades temáticas. Além disso, esses espaços podem contribuir para a integralidade da assistência à saúde da mulher, com troca de informações sobre o seu corpo, ações de autocuidado e incentivo a autonomia. Embora tenham sido identificadas essas barreiras, o grupo foi um espaço que possibilitou momentos de fala para as mulheres, tendo em vista que muitos relatos foram em torno da necessidade e importância de momentos como aquele, em que se busquem ouvir e refletir sobre suas experiências e queixas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 1. ed., 2. reimpr. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011. 82 p. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.p df](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf). Acesso em: 21 set. 2022.

BRASIL, **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 21 set. 2022.

CONCEIÇÃO, D.S. et al. A Educação em Saúde como Instrumento de Mudança Social. **Braz. J. of Develop.** Curitiba, v.6, n.8, p. 59412-59416aug.2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/15195>. Acesso em: 21 set. 2022.

ESTRELA, F. M et al. Social technology to prevent intimate partner violence: the VID@ Group in actions with men. **Rev Esc Enferm USP.** 2020; 54:e03545. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/SKnGY5y7mHVD4cmLGwqVPJy/?lang=en>. Acesso em: 20 set. 2022.

GARZON, A. M. M.; SILVA, K. L. D., MARQUES, R. C. Liberating critical pedagogy of Paulo Freire in the scientific production of nursing 1990-2017. **Rev Bras Enferm.** 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo - população residente por sexo, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>. Acesso em: 21 set. 2022.